



RELATÓRIO econômico

...
.Sincomavi

**Sindicato do Comércio Varejista de Material de Construção,
Maquinismos, Ferragens, Tintas, Louças e Vidros da Grande São Paulo**

 www.sincomavi.org.br
 sincomavi@sincomavi.org.br
 Telefone (11) 3488-8200

JUNHO 2025

> CARTA DE CONJUNTURA	1
> PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO	3
> INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL	4
> MERCADO DE TRABALHO	6
> INDICADORES SETORIAIS	8

CARTA DE CONJUNTURA - **junho** 2024



O tópico de maior movimentação da conjuntura econômica brasileira nos últimos dias veio da decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) em elevar novamente a taxa básica de juros da nossa economia. Após um aumento de 0,25 pontos percentuais no último dia 18, a Selic atingiu os 15,00%, o seu maior nível desde julho de 2006.

Boa parte dos analistas apostava que a redução da inflação brasileira (IPCA) para 0,26% em maio sensibilizasse o BC para interromper a recente trajetória ascendente da Selic, que se iniciou em setembro do ano passado. Não foi o que ocorreu. O Comitê justificou a sua decisão citando às incertezas externas, aliada a um cenário doméstico de resiliência da demanda agregada e os conhecidos riscos fiscais.

Não se nega que o mundo passa por uma volatilidade além da “normal”. De um lado temos ainda um acomodamento das mudanças das políticas comerciais após as sobretaxas americanas para diversos países. De outro, os conflitos na Ucrânia, Iêmen e agora também entre Israel e Irã, que podem inclusive gerar uma escalada sem precedentes. Do ponto de vista estritamente econômico, isso tudo traz dificuldades para mercados emergentes, como o brasileiro.

No âmbito interno, a economia se mantém mais aquecida que o projetado, mesmo com a trajetória de juros altos. Prova disso é que tivemos no trimestre encerrado em abril a menor taxa de desocupação para o período desde o início da série da PNAD Contínua, exatos 6,6%. Já a taxa de crescimento estimada para o PIB em 2025 já ficou abaixo dos 2%, mas aos poucos vai se aproximando dos 2,5%.

Os riscos de termos ainda mais pressões nos preços domésticos com os efeitos da volatilidade internacional, junto de um cenário doméstico ainda aquecido e que convive com riscos fiscais, faz com que o único instrumento de defesa da moeda seja por meio da política monetária. E ainda que ninguém goste de conviver com os juros altos, que encarece ainda mais o custo do crédito para pessoas e empresas, o Banco Central faz o que acredita ser o melhor para o

momento.

É um adendo, a irresponsabilidade do atual governo em controlar os seus gastos, partindo novamente para a tentativa de equilíbrio de suas contas através quase que unicamente do aumento de tributos, isto é, às custas do setor produtivo privado, ajudou a induzir o Banco Central a manter-se cauteloso e aumentar ainda mais os juros. Mesmo que se espere ser esta a última elevação de 2025.

Como consumidores, podemos esperar ainda mais desafios na gestão dos orçamentos familiares. Já aos empresários, há a necessidade de ainda mais cuidado quanto à liquidez e ao fluxo de caixa dos estabelecimentos. Seja na busca por clientes ou ao depender de crédito, é importante possuir a consciência que teremos mais dificuldades neste segundo semestre.

Estimativas para o fechamento de 2025 da economia brasileira:

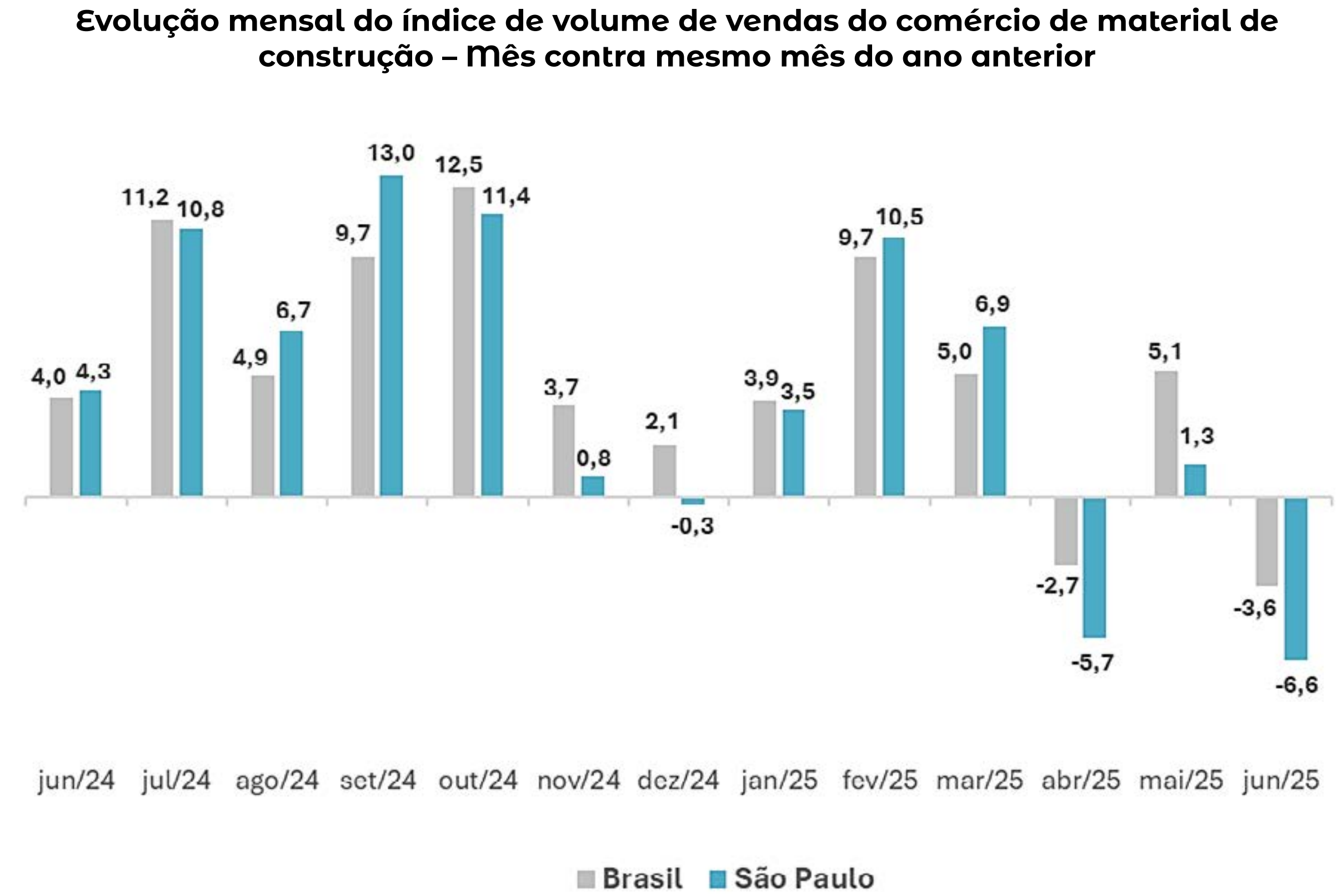
- **PIB:** 2,2%
- **Inflação (IPCA/IBGE):** 5,3%
- **Taxa SELIC:** 15,00% a.a.
- **Taxa de Câmbio:** 5,80
- **Balança comercial (em US\$):** + 75 bi
- **Taxa de desocupação ao fim do ano (PNADc/IBGE):** 6,5%
- **Volume de vendas do comércio ampliado BR (PMC IBGE/12 meses):** +2,5%
- **Volume de serviços BR (PMS IBGE/12 meses):** +3,0%



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO

PMC/IBGE

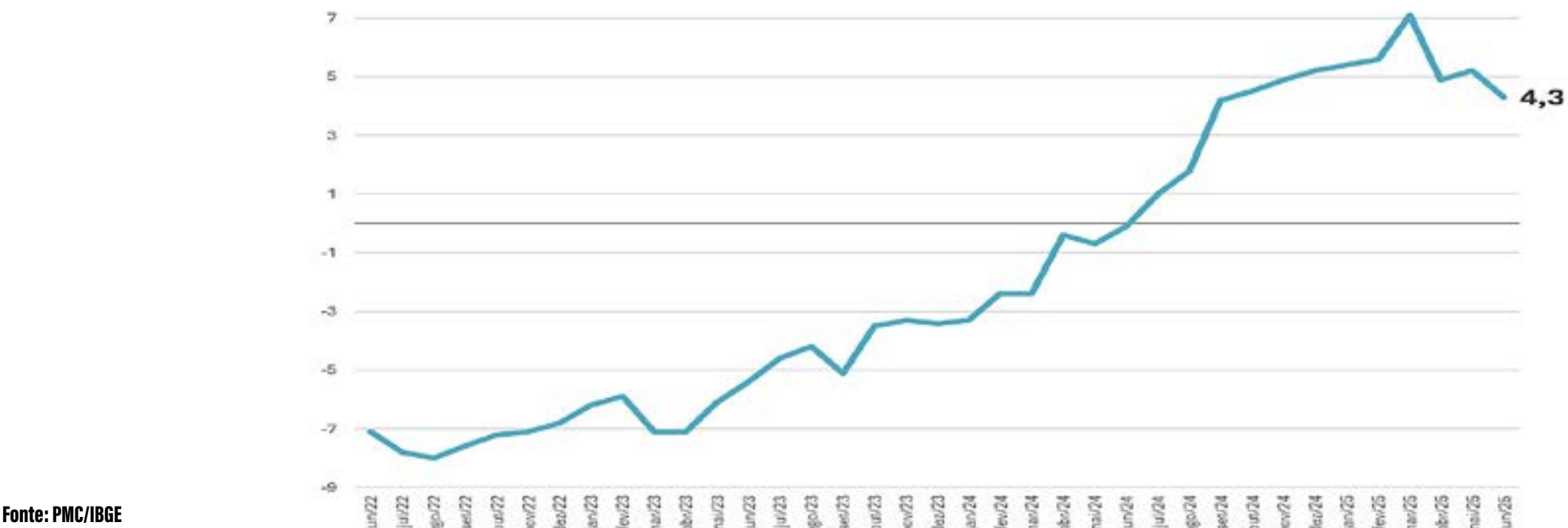
A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que em junho o volume de vendas do comércio paulista de material de construção apresentou retração de 6,6% em relação ao mesmo mês do ano passado. A queda ocorreu após uma breve recuperação das vendas em maio, resultado que foi precedido por recuo em abril. Em território nacional o cenário se mostra também negativo, porém não tão agudo quanto no Estado de São Paulo. O volume de vendas do comércio brasileiro de material de construção apresentou baixa de 3,6% em comparação a junho de 2024, depois de um avanço de 5,1% em maio, também na comparação anual.



Com o resultado ruim em junho, as vendas acumuladas no primeiro semestre do ano passaram a registrar um avanço de apenas 1,4% – menos da metade do que era acumulado nos cinco primeiros meses do ano, que era de aumento de 3,1%. No país, o setor acumulou elevação de 2,7% nesta primeira metade de 2025.

Já em doze meses, como pode ser observado no gráfico abaixo, ocorreu uma desaceleração do indicador paulista, que chegou a marcar em março elevação de 7,1% e agora alcança 4,3%. Novamente o dado estadual se mostra menor que o do desempenho nacional, que avança 5,1%.

Evolução do índice de volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo – Taxa acumulada de 12 meses



O economista Jaime Vasconcellos comenta que já era esperado para junho números realmente mais tímidos que os de maio, até pelos desafios conjunturais ao consumo e, consequentemente, ao varejo de material de construção, em especial pelos efeitos de juros elevados, endividamento e inadimplência altos e inflação persistente. “Todavia, a retração de mais de 6% em junho chama a atenção e foi auxiliada até mesmo pelo efeito do calendário, devido a menos dias úteis em tal mês em 2025, em relação a 2024, causado pelo feriado de Corpus Christi”, avalia.

Em sua opinião, ainda assim, o que salta aos olhos é a perda de ritmo do volume de vendas do setor neste segundo trimestre do ano e aqui, novamente, não se pode deixar de citar os efeitos diretos e negativos da conjuntura atual da economia brasileira. “A tendência é de manutenção da tal trajetória mais fraca, cabendo a expectativa quanto à sua profundidade para este segundo semestre”, alerta.

OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.



INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

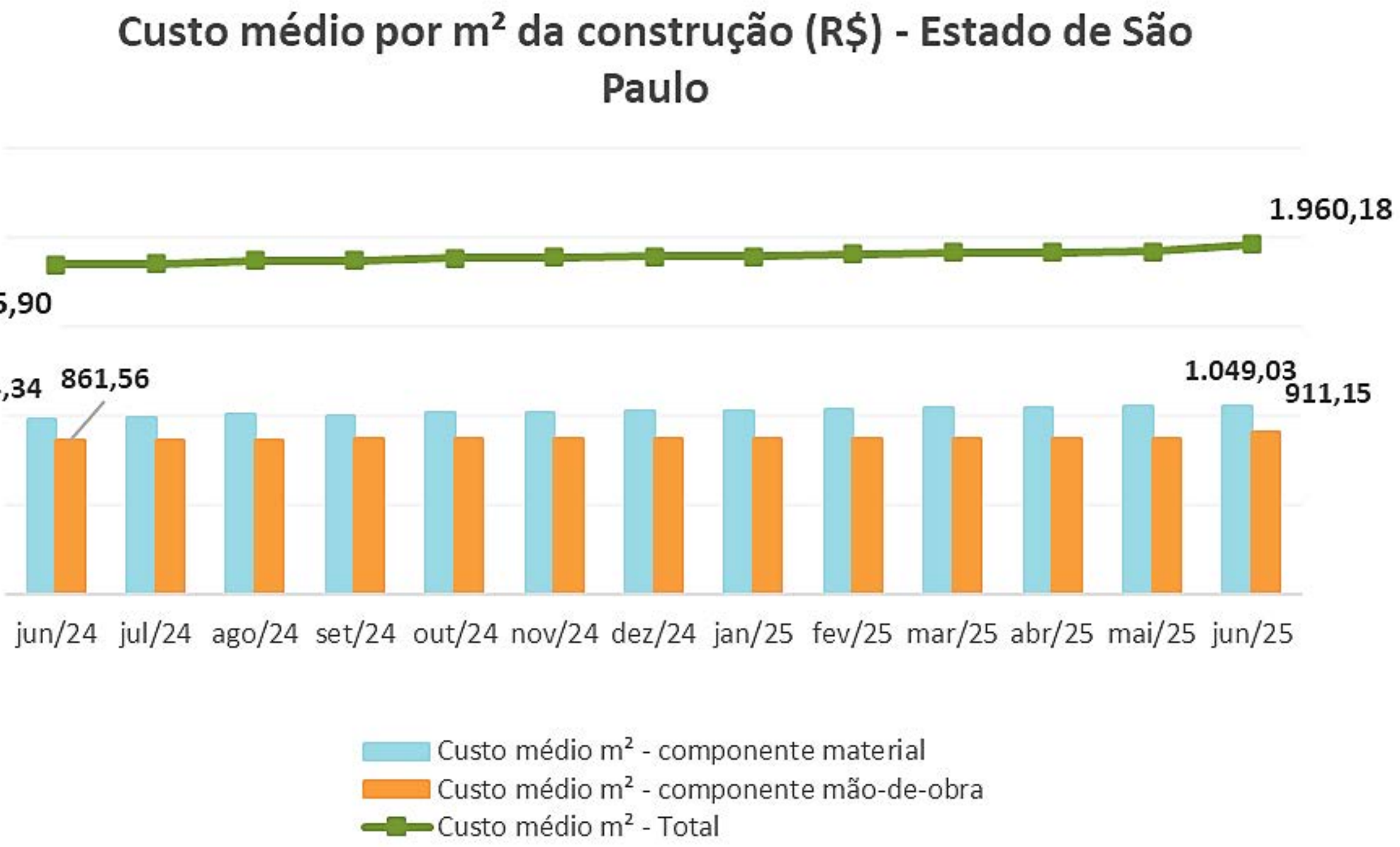
O custo médio da construção civil no Estado de São Paulo avançou R\$39,13 por metro quadrado de obra neste último mês de junho, segundo o Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (SINAPI/IBGE). O aumento representou uma variação de 2,04% a cada metro quadrado de projeto, que atingiu um patamar médio recorde de R\$1.960,18.

É relevante destacar que esta oscilação de R\$39,13 tem como origem o custo com a mão de obra, que passou de R\$ 872,67 em maio para R\$911,15 neste sexto mês do ano, um aumento de 4,41%. Já os gastos com material de construção saíram de R\$ 1.048,38 para R\$ 1.049,03, uma diferença de R\$0,65 ou de 0,06%. Tais valores são médias por metro quadrado da construção.

Evolução mensal do custo médio m² da construção civil paulista (%)



Se no primeiro semestre o custo médio total com a construção civil na economia paulista acumulou uma alta de 3,00%, em doze meses o índice oscilou 6,19%, ou R\$114,28. Desta diferença R\$64,69 (ou +6,57%) são referentes aos itens de construção e R\$49,59 (ou +5,76%), com mão de obra. Em sua opinião, a evolução do custo com a construção civil no Estado de São Paulo tem acompanhado o que ocorre em geral com os índices de preços aos consumidores brasileiros, que vivenciam uma inflação persistente, a despeito do aperto da política monetária com o aumento dos juros. “O que se vê é uma resiliência do consumo das famílias, que têm mantido a economia doméstica aquecida e que, com isso, também mantém certa pressão nos preços”, finaliza.



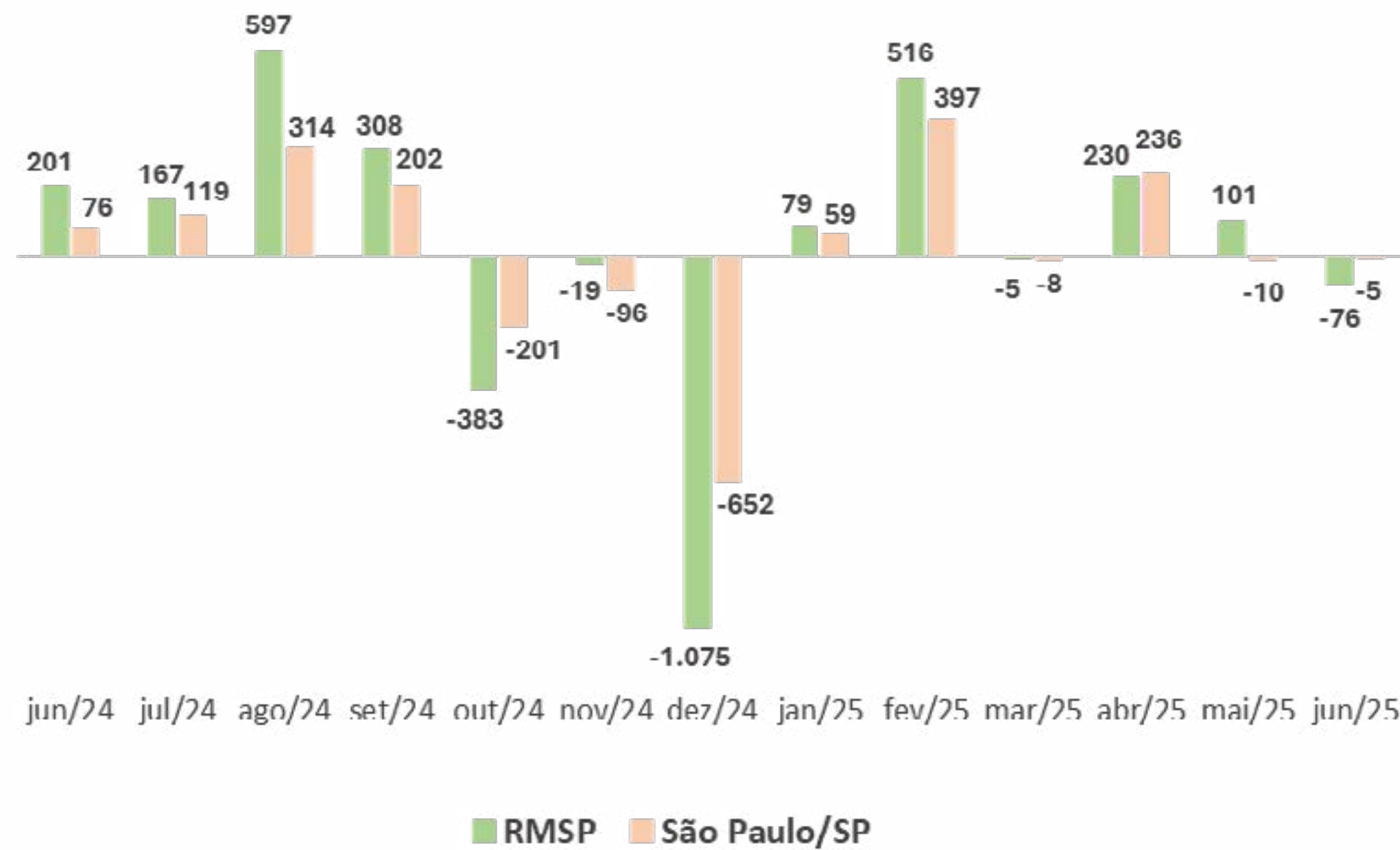
O economista Jaime Vasconcellos lembra que, conforme citado na análise anterior, referente a maio, a expectativa era que em junho o custo médio total da construção civil no Estado de São Paulo fosse predominantemente influenciado pela variação positiva do que é gasto com a mão de obra, dada a conhecida sazonalidade do período. “Esta é uma época do ano marcada pelos processos negociais das categorias profissionais e empresariais do setor”, ressalta. “E foi o que ocorreu”. Enquanto o material de construção apresentou praticamente uma estabilidade de seus preços ao consumidor final, os custos com mão de obra saltaram quase 4,5%. “Como é algo pontual, a tendência é neutralização deste cenário para o mês de julho, no qual as variações dos custos com material devem trazer mais influências ao indicador geral, do que a mão de obra”, avalia.

MERCADO DE TRABALHO

CAGED/IBGE

Depois de dois avanços mensais seguidos, o varejo de material de construção da Região Metropolitana de São Paulo voltou a apresentar redução de empregabilidade, segundo o Novo Caged. Em junho, foram 76 vagas perdidas, após o registro de 3.592 admissões e 3.668 desligamentos, considerando um total de 96,6 mil vínculos empregatícios ativos. Tal resultado não apenas contrasta com os saldos positivos de abril e maio, como inverte também o resultado de junho de 2024, quando 201 vagas haviam sido geradas na Grande São Paulo.

Evolução do saldo de empregos do varejo de material de construção
RMSP e São Paulo/SP



Dentre as atividades avaliadas mais profundamente, vemos que a do varejo de “material de construção em geral” foi quem mais puxou o desempenho setorial para baixo, após apresentar um saldo negativo de 98 postos de trabalho neste sexto mês do ano. Por outro lado, em números absolutos, o maior avanço ficou com os estabelecimentos do varejo de

material elétrico, que criaram 27 empregos.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - junho de 2025				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	34	38	-4	1.034
Ferragens e Ferramentas	608	602	6	16.517
Madeira e Artefatos	256	250	6	7.205
Materiais de Construção em Geral	1.801	1.899	-98	49.682
Materiais Hidráulicos	77	52	25	2.238
Pedras para Revestimento	86	78	8	1.918
Material Elétrico	348	321	27	8.364
Tintas e Materiais para Pintura	194	220	-26	4.703
Vidros	188	208	-20	4.931
Total	3.592	3.668	-76	96.592

Fonte: Novo Caged

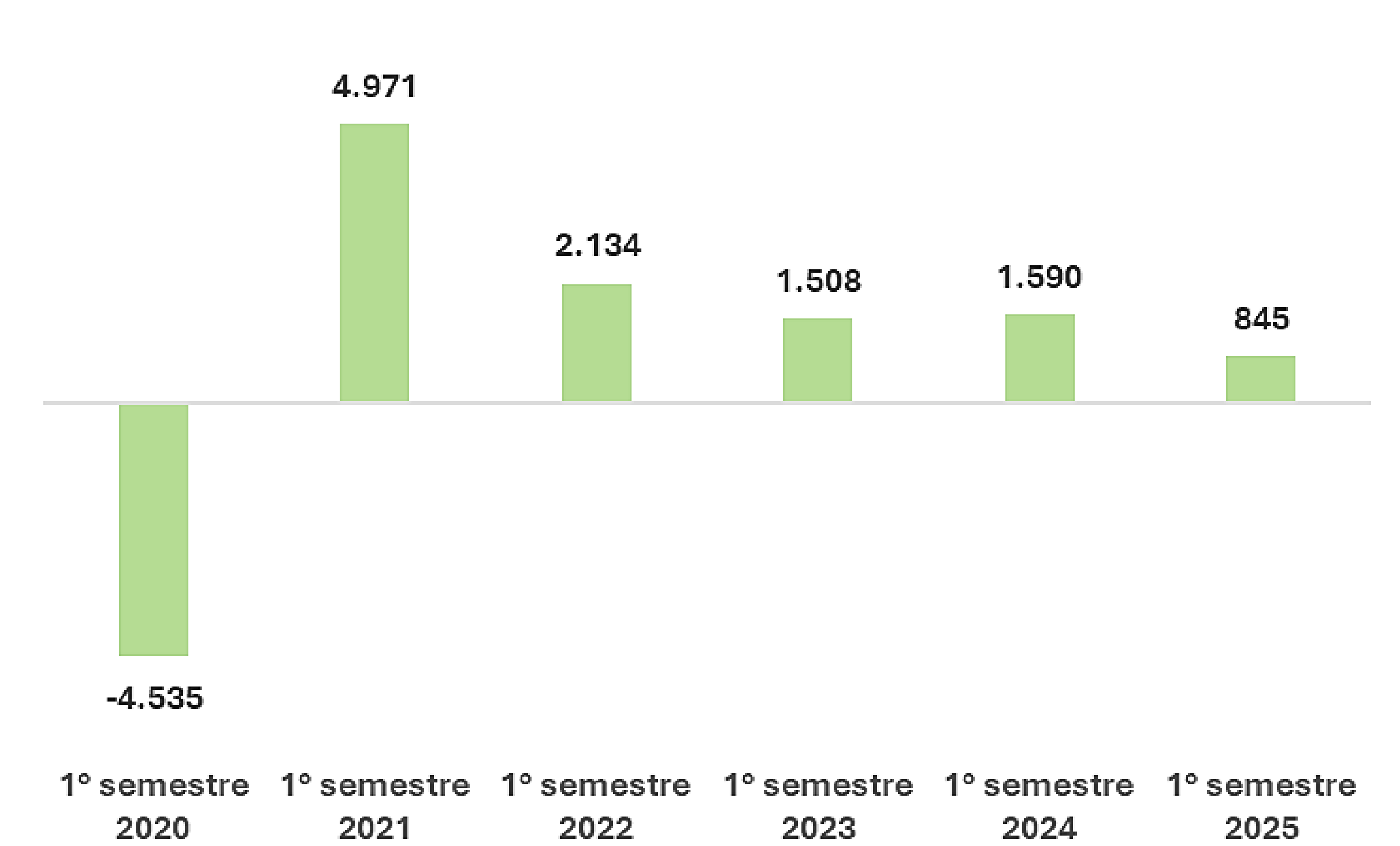
No ano, 845 empregos foram gerados, novamente com influência positiva do ramo de material elétrico (+202 vagas), seguido por ferragens e ferramentas (+199 vagas) e pelos estabelecimentos de tintas e material para pintura (+131 vagas).

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - 2025*				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	258	271	-13	1.034
Ferragens e Ferramentas	4.102	3.903	199	16.517
Madeira e Artefatos	1.631	1.590	41	7.205
Materiais de Construção em Geral	11.658	11.593	65	49.682
Materiais Hidráulicos	494	446	48	2.238
Pedras para Revestimento	533	488	45	1.918
Material Elétrico	2.063	1.861	202	8.364
Tintas e Materiais para Pintura	1.308	1.177	131	4.703
Vidros	1.492	1.365	127	4.931
Total	23.539	22.694	845	96.592

Fonte: Novo Caged

O economista Jaime Vasconcellos, veja a análise completa abaixo, ressalta que as 845 vagas a mais no primeiro semestre de 2025 representaram o resultado mais fraco do mercado de trabalho do varejo de material de construção da RMSP desde 2020, quando, devido à pandemia, mais de 4,5 mil empregos com carteira assinada acabaram cortados na região.

Evolução do saldo de empregos do varejo de materiais de construção na RMSP, nos primeiros semestres – 2020 a 2025



ANÁLISE
Por Jaime Vasconcellos, economista.

O primeiro semestre de 2025 terminou de forma arrefecida no mercado de trabalho do varejo de material de construção da Grande São Paulo. Além de diminutos saldos em maio e junho, terminamos a primeira metade do ano com o “pior” saldo acumulado para os seis primeiros meses de um ano desde 2020, primeiro ano do Novo Caged e de forte impacto da primeira onda da Covid-19.

A realidade atual demonstra que há uma tendência consolidada de esgotamento



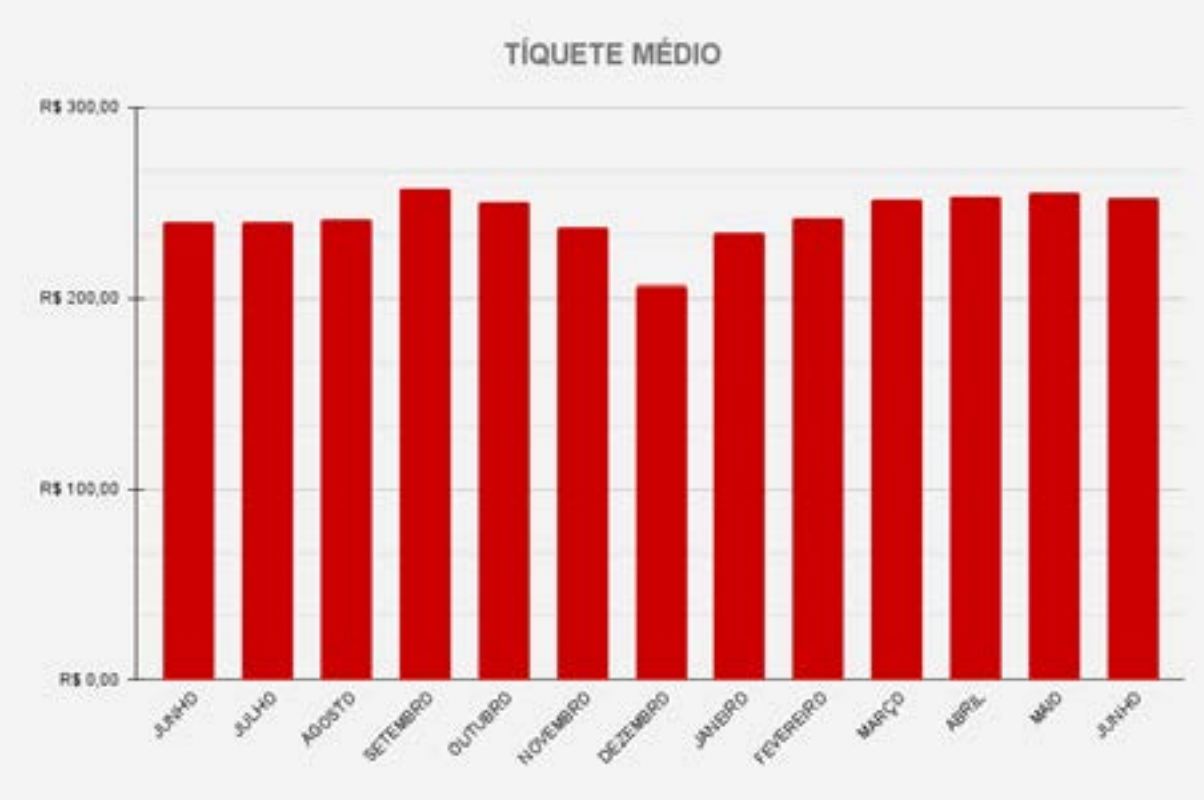
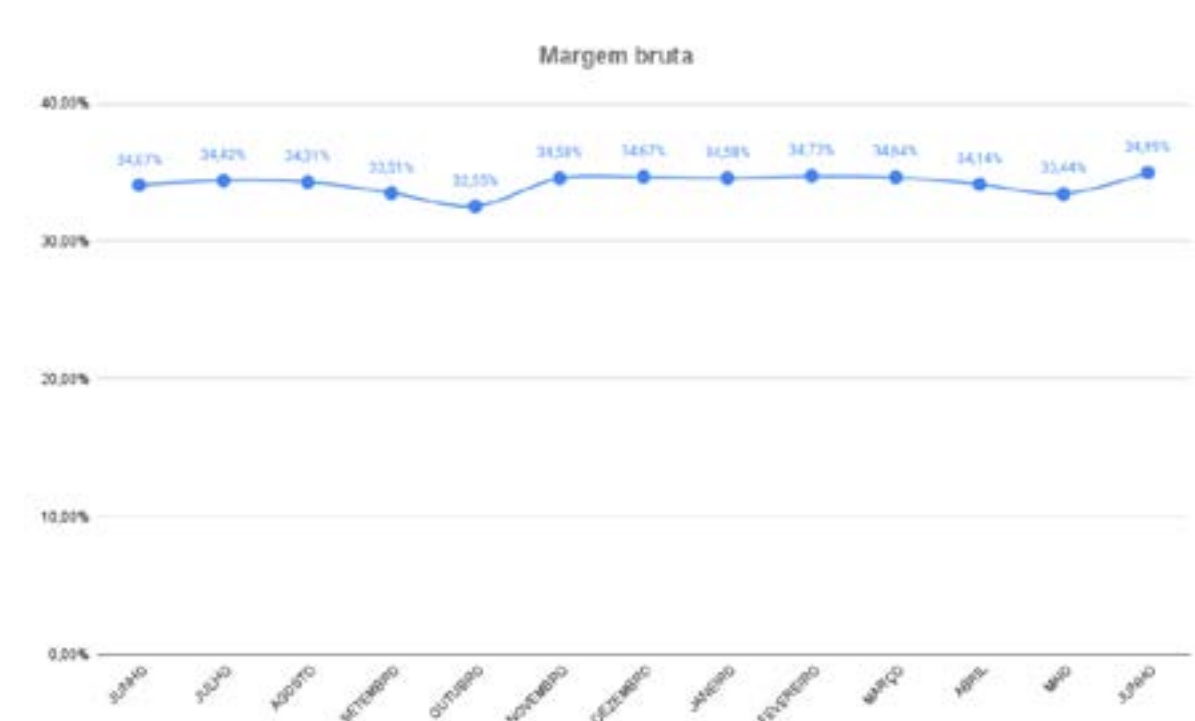
do ritmo mais forte de expansão deste mercado de trabalho, depois de um relevante crescimento consequente dos primeiros impactos da pandemia, considerando a segunda metade de 2020 e o ano de 2021, passando por sucessivos saldos positivos mais fracos nos anos seguintes. E para 2025 se consolidará mais um capítulo deste cenário, no qual se vê o mercado de trabalho aumentando, mas em um ritmo ainda menor. A tendência é, inclusive, ficarmos com desempenho anual acumulado abaixo dos cerca de 1,2 mil vagas, saldo final do ano passado.

Os motivos para esta trajetória de desaceleração são vários. Há o natural esgotamento de um ritmo mais forte do mercado de trabalho, dado que não se consegue setorialmente sustentar tamanhos avanços por tanto tempo até por parte da oferta de mão de obra. Além disso, ou principalmente, temos um cenário econômico geral que também é de desaceleração, o que acaba refletindo no próprio mercado de trabalho, em especial em segmentos muitas vezes considerados de consumo adiável. Em um período de inflação resistente e juros altos, tal realidade é ainda mais desafiadora, começando no orçamento das famílias, passando para a performance de vendas deste varejo, até impactar a capacidade empresarial de novos investimentos, como é a geração de empregos celetista.

INDICADORES SETORIAIS



Como era de se esperar, o tíquete médio, outro indicador acompanhado pelo estudo realizado pelo Sincomavi, a partir de dados fornecidos pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes, também sofreu um forte retrocesso em junho e ficou em R\$252,20. O resultado do período se mostra superior à média dos últimos dozes meses (R\$243,90), mas abaixo do obtido em maio, R\$255,46.



O Índice Azure de Reajuste de Preço de Venda – Material de Construção (IRPA-MC) contou em junho com um avanço de 1,03%. Com esse desempenho, o indicador acumula uma alta de 5,5% nos últimos doze meses, apontando para uma aceleração no movimento inflacionário dos preços no setor.



O faturamento médio no período também foi decepcionante. Houve uma queda brusca nos resultados das empresas com a queda de R\$899.815,00, em maio, para R\$780.555,00, em junho. Apesar desse recuo, o valor registrado no mês passado se manteve acima da média dos últimos doze meses.

Como consequência desse cenário, a margem bruta atingiu o maior nível desde dezembro de 2023, ao alcançar os 34,99%. Esse patamar supera com folga as médias obtidas em 2023 (33,98%) e 2024 (34,11%).



Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos”. “Eletroeletrônicos”, entre outros, sofreram as seguintes variações em maio de 2025.

Produto	Maio 2025	Produto	Maio 2025
Ferragens	0,13%	Computador pessoal	0,97%
Material de Eletricidade	-0,53%	Ventilador	-2,06%
Vidro	1,18%	Eletrodomésticos e equipamentos	-0,42%
Tintas	0,15%	Aparelhos eletroeletrônicos	-0,11%
Revestimento de piso e parede	0,06%	Bicicleta	-0,69%
Madeira e taco	-2,62%		
Cimento	0,55%		
Tijolo	0,52%		
Material Hidráulico	0,09%		
Areia	1,75%		
Pedras	-0,05%		
Telha	0,27%		
Chuveiro elétrico	-0,25%		
Ar-condicionado	-1,73%		

IPCA/IBGE



SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS, TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR

.Sincomavi